

O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO E A MEDIAÇÃO DE PROCESSOS COGNITIVOS: a nova face de um antigo personagem

THE INFORMATION PROFESSIONAL AND THE MEDIATION OF COGNITIVE PROCESSES: the new face of an old character

Nanci Oddone¹

Resumo

Breve reflexão sobre as transformações que vêm ocorrendo no papel do profissional bibliotecário, as quais se situam num contexto tecnológico e cultural diferenciado, decorrente dos novos cenários social, econômico e político que se delineiam para os coletivos humanos no final do século XX. As novas perspectivas e os novos paradigmas do trabalho biblioteconômico vêm acarretando a emergência de uma nova denominação – a de profissional da informação – e de novas atribuições, bem mais dinâmicas e complexas que aquelas que instruíam o exercício profissional do bibliotecário tradicional.

Palavras-chave

PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO
BIBLIOTECÁRIO - PROFISSÃO

– Eu queria saber, porém, quando é que se viu um personagem sair do seu papel e por-se a perorar assim, como o senhor está fazendo, e a propô-lo, a explicá-lo. Pode dizer-me? Eu jamais o vi! Jamais o vi, senhor, porque os autores costumam esconder os tormentos de sua criação. Quando os personagens são vivos, realmente vivos, diante de seu autor, este não faz outra coisa senão segui-los, nas palavras, nos gestos que, precisamente, eles lhe propõem. E é preciso que ele os queira como eles querem ser; e aí dele se não fizer isso! Quando uma personagem nasce, adquire logo tal independência, mesmo em relação a seu autor, que pode ser imaginada por todos, em várias outras situações nas quais o autor nem pensou em colocá-la, e adquirir também, às vezes, um significado que o autor nunca sonhou dar-lhe!”
Pirandello, Luigi. Seis personagens à procura de um autor. São Paulo : Abril Cultural, 1978. p. 446-447.

1 INTRODUÇÃO

Tema de grande atualidade e complexidade – em torno do qual vem se desenvolvendo um amplo leque de estudos teóricos e pesquisas aplicadas – o reconhecimento das

1. Professora do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia. Mestra em Ciência da Informação, Universidade de Brasília Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação do IBICT/UFRJ.

mudanças operadas no papel do profissional bibliotecário pela conjuntura social, econômica e tecnológica do mundo contemporâneo é o ponto de partida desta reflexão. Entre outras, as expressões profissional da informação, agente de informação e gestor de informação – surgidas no bojo dos processos de popularização de novas tecnologias de comunicação e de informatização das rotinas técnicas que tentam dar conta da sempre crescente produção científica, intelectual e artística internacional – criam expectativas em relação ao desempenho profissional do bibliotecário que nem sempre têm se realizado. Ao contrário, ao longo dos últimos anos, o contraste cada vez mais nítido entre as promessas de atuação do primeiro – o profissional da informação – e a realidade da atuação do segundo – o bibliotecário – tem provocado reações sempre mais adversas em relação ao baixo padrão dos serviços oferecidos pelos bacharéis em biblioteconomia. Da parte dos profissionais em atividade, observa-se uma crônica falta de consciência crítica em relação à matéria-prima do trabalho biblioteconômico e uma inusitada indiferença em relação à crescente relevância de sua situação profissional no contexto das sociedades modernas.

Designado guardião do conhecimento acumulado pela humanidade desde a mais remota ancestralidade, ao bibliotecário muitas vezes escapa a compreensão plena da relação entre o caráter estático das peças de seu acervo e o caráter dinâmico de sua própria atividade. A prática profissional do bibliotecário, tantas vezes descrita como meramente tecnicista e burocratizante – exclusivamente voltada à aplicação das ferramentas de tratamento especializado dos documentos, enquanto suportes ou veículos da informação, e não propriamente centrada sobre a especificidade de seu conteúdo – não deveria nem poderia constituir-se apenas pelo domínio dessas técnicas e procedimentos. Muito mais relevante é o papel que lhe está reservado nos processos de comunicação e transferência da informação e de mediação na construção do conhecimento.

Situado por muitos autores a meio caminho entre o emissor/produtor do conhecimento e o receptor/consumidor do conhecimento gerado, o bibliotecário tem sido definido, na estrutura desse processo, como intermediário das ações de comunicação da informação. Seria seu papel identificar e atender as necessidades informacionais de seus usuários imediatos e potenciais, procurando estabelecer uma dinâmica entre os repositórios estáticos do conhecimento que se encontram sob sua responsabilidade e as questões vivas dos indivíduos na busca de novas informações e conhecimentos.

Estamos hoje absolutamente imbuídos da idéia de uma sociedade da informação, de uma sociedade do conhecimento, globalizada, dependente do recurso estratégico informação. Uma sociedade informatizada, caracterizada por elevadas taxas de produção e consumo de informação de vários tipos, por canais múltiplos, pela onipresença midiática e marcada por uma nova comunicabilidade e uma nova sociabilidade.

Assim, um novo paradigma da função biblioteconômica emergiu, incorporando novos conceitos, novas definições, novas tecnologias, uma clientela diferenciada e até mesmo uma possível nova designação: “*ciberotecário*” – “*cybrarian*”. No contexto dessa nova realidade sócio-cultural que vemos se desenvolver, o trabalho do profissional bibliotecário deve configurar-se, de fato, como tarefa de mediação, de interfaciamento, de filtragem, de elo de ligação no processo de apropriação de novos conhecimentos, requerendo qualificações diferenciadas e em constante evolução: “*O trabalho nessa*

sociedade consiste em processamento simbólico ou em trabalho mental.” (TARAPANOFF, 1996, p. 10). Continuando, a mesma autora diz, mais adiante:

[...] As novas tecnologias, as infovias viabilizadas pela telemática, a globalização, o acesso à informação sem fronteiras, a produção reconceituada como conhecimento, exigem um novo comportamento centrado na competitividade/cooperação, na qualidade e no aprendizado. Este novo comportamento repousa sobre a informação, fator básico do ‘setor do conhecimento’ da economia, parte integrante da economia da informação e da sociedade pós-industrial. [...] Nesse contexto, aos profissionais da informação é reservado o papel de ‘agregar valor’. A informação, a educação e o aprendizado voltam-se para a capacitação do indivíduo em utilizar o conhecimento e a inovação [...] (p. 16).

A esfera profissional do bibliotecário, porém, parece fadada a sofrer, por muito tempo ainda, a influência das estruturas conceituais e paradigmáticas que se estratificaram ao longo dos últimos dois séculos. Poucos desses profissionais parecem estar compreendendo e processando as marcas da nova cultura e do novo perfil social anunciado pelos clarins do próximo milênio, tornando indispensável que se dê início a amplas e intensas ações de conscientização. O espaço reservado ao guardião dos estoques acumulados do saber humano sempre estará disponível. Essa tarefa, no entanto, não deveria restringir o escopo da atividade biblioteconômica, pois o resgate do relevante papel social do bibliotecário – renomeado ou não como profissional da informação – passa necessariamente pela compreensão das novas dimensões que caracterizam seu exercício profissional.

2 O CENÁRIO DA MUDANÇA

Sociedade da informação e sociedade do conhecimento são expressões que pretendem dar conta das transformações sociais, políticas e econômicas generalizadas que, a partir de um variado número de emergentes aparatos tecnológicos, vêm configurando um novo cenário mundial, caracterizado por elevados índices de produção e de consumo de informação através de múltiplos canais e intrincadas redes de comunicação:

[...] Esta nova sociedade está no bojo do que se convencionou chamar de Terceira Onda [...], caracterizada pelo crescimento do setor produtivo de prestação de serviços, pela extensão das atividades de processamento simbólico, pela globalização dos mercados e pela difusão de novas tecnologias de acesso à informação [...] (TARAPANOFF, 1996, p. 9).

Esse contexto, que permeia e perpassa todas as práticas contemporâneas, inaugura ao mesmo tempo uma nova sociabilidade e um novo tipo de organização social, marcados ambos pelos signos da virtualidade, da simultaneidade e da instantaneidade, características que reinventam vivências, alteram percepções, sensibilidades e processos cognitivos, obrigando-nos a olhar a realidade de uma perspectiva multifacetada, na tentativa de compreender as vinculações e injunções a que estamos submetidos.

Os sintagmas tecnologias de informação e novas tecnologias de comunicação designam o conjunto dos equipamentos, técnicas e procedimentos de armazenagem, circulação e transferência da informação que, a partir da segunda metade do nosso século, foram disponibilizados ao público e a instituições diversas para tratamento e acesso à informação, como resultado prático dos avanços tecnológicos nas áreas da informática e

das telecomunicações. As tecnologias da informação vêm revolucionando as relações entre produtores, consumidores e intermediários da informação, modificando de forma radical todo o processo de comunicação do conhecimento humano.

Pierre Lévy utiliza a designação “*tecnologias da inteligência*” para descrever o que ele considera novas formas de pensar e de representar o mundo, decorrentes desses avanços tecnológicos. Para ele, essas novas tecnologias não se configuram simplesmente como novas técnicas ou novos modelos de ação em relação ao cotidiano da vida humana, mas referendam novas maneiras de interagir, de relacionar-se, de compreender e de ser compreendido. Em seu conjunto, elas representam uma mudança qualitativa semelhante àquelas provocadas pelo advento da escrita e da imprensa, tecnologias hoje absolutamente incorporadas à nossa concepção de mundo.

[...] a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento não se dá por simples substituição, mas antes por complexificação e deslocamento de centros de gravidade. O saber oral e os gêneros de conhecimento fundados sobre a escrita ainda existem, é claro, e sem dúvida irão continuar existindo sempre. [...] Isto nos conduzirá [...] à idéia de que certas técnicas de armazenamento e de processamento de representações tornam possíveis ou condicionam certas evoluções culturais, ao mesmo tempo em que deixam uma grande margem de iniciativa e interpretação para os protagonistas da história [...] (LÉVY, 1993, p. 10).

O surgimento de novas técnicas de produção, circulação e transmissão de informações implica, portanto, para todos nós, seres humanos – e, em especial, para aqueles mais diretamente envolvidos em sua aplicação e uso, os profissionais da informação – não apenas uma adaptação a novas mecânicas e ferramentas, mas realmente um novo modo de pensar, sentir e viver, uma nova mentalidade, uma nova maneira de ver o mundo.

A última grande transformação por que passou o processo de transmissão de informações ocorreu com o surgimento da impressão por tipos móveis, inventada por Gutenberg em meados do século XV. Na esteira desse valioso avanço tecnológico, podemos identificar conseqüências extremamente significativas para o quadro de transmissão do saber que, desde então, interferiram de forma definitiva em toda a cadeia de produção, circulação e transferência de conhecimentos, tal como esta era conhecida até ali.

Por outro lado, novas descobertas e invenções deram início, entre os séculos XVI e XVII, a um progresso científico sem paralelo na história do conhecimento humano. A partir do século XVIII, esse impulso desenvolvimentista provocou um grande salto em direção à ampliação do raio de alcance do fluxo informativo. O aparecimento das primeiras revistas científicas, em meados do século XVIII, editadas por associações de cientistas e pesquisadores interessadas em divulgar o trabalho de seus associados, qualificou novos veículos de transferência do saber, disseminando, sobre suporte papel, o conhecimento gerado nos círculos da ciência. Como conseqüência, verificou-se um crescimento exponencial do volume de documentos produzidos e de informações veiculadas.

No fim do século XIX já havia surgido expressões tais como “*explosão documentária*” e “*caos documentário*”, que procuravam caracterizar a situação decorrente do novo cenário de desenvolvimento científico e tecnológico, descrevendo, de forma sintética,

seus efeitos. Naquele momento, tornou-se patente a necessidade de definir e aperfeiçoar técnicas mais modernas e mais ágeis de tratamento desse crescente volume de documentos, de modo a garantir aos produtores do saber acesso ao maior número possível de informações relevantes em suas respectivas áreas de conhecimento, assim como às pesquisas em andamento em círculos científicos congêneres, evitando, entre outras coisas, a duplicação de esforços no domínio específico de cada disciplina e propiciando o intercâmbio de descobertas, estudos e procedimentos entre os diversos campos científicos. A participação de cientistas e pesquisadores de diferentes áreas no desenvolvimento de técnicas mais avançadas de tratamento da informação impulsionou o grande salto da documentação que se viu a seguir. Tentativas de sistematizar, uniformizar e internacionalizar essas técnicas começaram a ser postas em prática, resultando em procedimentos documentais cada dia mais homogêneos e eficientes. Teve início então um dramático processo de descrédito em relação à biblioteconomia e aos bibliotecários.

[...] a cisão [...] foi acompanhada não somente [...] de sérias dúvidas sobre os fins e objetivos das bibliotecas, expostas pelos 'intrusos' não-bibliotecários, como também de um desprezo evidente pela biblioteconomia propriamente dita [...] o cientista moderno, com sua bata branca, considerava como fora de lugar a velhinha sentada atrás do balcão de empréstimos e todas as suas atividades, sem se perguntar se esta personificação do saber, de cabelo branco, não era algo mais que um anacronismo nas bibliotecas tradicionais [...] (SHERA, 1980, p. 94-95).

Novos avanços tecnológicos proporcionaram, mais tarde, o advento dos meios de comunicação de massa, que vieram ampliar sensivelmente o espectro da transmissão do saber. Os meios radiofônicos, televisivos e mesmo impressos passaram a participar do processo de transmissão do conhecimento – até então restrito a grupos de competência específicos – produzindo e disseminando informações, especialmente aquelas relacionadas de forma direta às esferas mais cotidianas da vida social, como as informações culturais, literárias, artísticas, econômicas e políticas, facilmente assimiláveis por um público já agora bastante mais vasto e heterogêneo. Essas novas formas de produção e difusão da informação – utilizando novos suportes e novos veículos de comunicação – promoveram, por outro lado, mudanças radicais no conteúdo e na forma de assimilação do conhecimento. A indústria cultural, estruturada a partir da exploração sistemática de um desejo consumista da cultura, padronizou o conteúdo informativo das mensagens, simplificando os processos cognitivos e abrindo, ao mesmo tempo, um amplo leque de opções de informação para um público ávido e carente que, até pouco antes, estava à margem dos circuitos do saber. As principais conseqüências dessa nova situação talvez tenham sido a crescente participação desse público na vida cultural de seus coletivos sociais e seu progressivo domínio de técnicas de interferência no processo de produção desse conhecimento.

Hoje, segundo Negroponte (1995), estamos passando de uma economia de átomos para uma economia de *bits*. E esse é o grande diferencial da nova era: se até agora produzimos e consumimos informação principalmente sob a forma de matéria (livros, jornais, revistas, fitas), de agora em diante será preciso nos adaptarmos a novas formas de produção e consumo – e também de transmissão – de conhecimentos, que incorporem, de modo irreversível, as tecnologias digitalizadas de informação e de comunicação.

Além disso, neste final de século, o processo de produção e transferência da informação, mais democratizado, percorre e atinge vastos contingentes populacionais. Os avanços da microinformática e das comunicações via satélite estão minimizando ou eliminando as barreiras temporais e espaciais entre os homens, permitindo a integração dos povos e dos saberes, num fenômeno que vem sendo chamado de globalização.

[...] As transformações que estão ocorrendo no mundo na segunda metade do século XX, anunciando o XXI, podem ser encaradas como as manifestações de uma ruptura histórica mais ou menos drástica e geral, com implicações práticas e teóricas fundamentais. São transformações repentinas e lentas, parciais e totais, visíveis e invisíveis, surpreendendo uns e outros em todos os lugares, continentes, ilhas e arquipélagos. Ocorrem em nível local, nacional, regional e mundial, envolvendo as condições sociais, econômicas, políticas e culturais de indivíduos, famílias, grupos sociais, classes sociais, coletividades, povos, nações e nacionalidades [...] (IANNI, 1996, p. 238).

3 UM PERSONAGEM À PROCURA DE UM AUTOR

Há já alguns anos que importantes pesquisadores da área da ciência da informação vêm se dedicando ao estudo das mudanças processadas no perfil do “*tradicional*” bibliotecário e à definição das características do profissional da informação do próximo milênio. Segundo Cronin (1990, p. 196), a utilização generalizada de novas tecnologias informacionais “*criou uma demanda sem precedentes por especialistas que atuem como gerentes de recursos de informação e ajam como guias, intérpretes e integradores de valor agregado.*” Lancaster (1995, p. 11-12), referindo-se ao “*futuro bibliotecário*”, afirma que, “*como provedores de informação especializada*”, *ganharíamos “tanto em valor como em reconhecimento.*” Bastante perspicaz é, sem dúvida, a observação de Robredo, Cunha (1994, p. 19) de que os futuros profissionais bibliotecários deverão possuir qualidades que lhes permitam competir com profissionais de outras áreas “*no exercício de atividades que não são mais, em nenhuma parte do mundo, privilégio de qualquer classe que seja.*” De fato,

[...] O profissional deve assumir uma postura que ‘deixe em aberto’ os novos papéis que efetivamente não se tem e não se conhece. Essa postura deve permitir a construção da identidade profissional, com uma visão do mundo que leve em conta as infinitas possibilidades de combinações entre variáveis presentes numa situação de trabalho. O próprio profissional deve produzir o caminho a ser trilhado, que não está pronto nem definido, mas se gesta a partir da análise da situação [...] (TARAPANOFF, 1996, p. 17).

É importante analisar, por outro ângulo, algumas idéias que vêm sendo defendidas por modernos teóricos da comunicação e da semiótica, como Régis Debray (1995) e Daniel Bounoux (1994). Ambos têm estudado, em trabalhos recentes, o papel de personagens por eles chamados de mediadores. Debray advoga inclusive a criação de uma nova disciplina, que ele denominou de *mediologia*, para tratar das mediações que permeiam todo o processo de comunicação e de transferência de informações.

[...] Chamo ‘*mediologia*’ a disciplina que trata das funções sociais superiores em suas relações com as estruturas técnicas de transmissão. [...] Na *mediologia*, ‘*mídi*’ não significa *mídia* nem *médium*, mas *mediações*, ou seja, o conjunto dinâmico dos procedimentos e corpos intermédios que se interpõem entre uma produção de *signos* e uma produção de *acontecimentos*. Esses entremeios assemelham-se a ‘*híbridos*’ [...],

ou seja, a mediações simultaneamente técnicas, culturais e sociais [...] (DEBRAY, 1995, p. 28-29).

Bougnoux (1994, p. 197-205), por seu turno, diz que “o mediador é o homem do meio: intermediário ou pontifex entre duas extremidades, mostra-se sensível às circunstâncias, às oportunidades ambientes” e relaciona algumas dessas “*figuras*”: o profeta, o intelectual, epígonos, padres e professores, o escritor, o jornalista, o crítico de arte, o mediador de televisão. O filósofo Pierre Lévy (1993, p. 176), entretanto, prefere utilizar o termo *interface* para designar as “operações de tradução, de estabelecimento de contato entre meios heterogêneos.” E reflete:

[...] A noção de interface pode estender-se ainda para além do domínio dos artefatos. Esta é, por sinal, sua vocação, já que interface é uma superfície de contato, de tradução, de articulação entre dois espaços, duas espécies, duas ordens de realidade diferentes: de um código para outro, do analógico para o digital, do mecânico para o humano [...] Tudo aquilo que é tradução, transformação, passagem, é da ordem da interface. Pode ser um objeto simples como uma porta, mas também um agenciamento heterogêneo (um aeroporto, uma cidade), o momento de um processo, um fragmento de atividade humana. [...] Os mais diversos agenciamentos compostos podem interfaciar, ou seja, articular, transportar, difratar, interpretar, desviar, transpor, traduzir, trair, amortecer, amplificar, filtrar, inscrever, conservar, conduzir, transmitir ou parasitar. Propagação de atividades nas redes transitórias, abertas, que se bifurcam [...] (LÉVY, 1993, p. 181-182).

Estudando as bases da teoria construtivista sócio-histórica, o pedagogo Jiron Matui (1995) afirma que a construção do conhecimento ocorre sempre numa situação de dialogicidade e nos mostra de que modo, no processo de estruturação de nossa própria subjetividade, a interação dialógica entre sujeito e objeto, entre sujeito e meio, é mediada tanto por funções e representações simbólicas como pela ação de outros indivíduos. Situando a relação sujeito/objeto do conhecimento no contexto da teia de relações sociais e simbólicas que configura a sociedade e a cultura humanas, Matui define o conceito de mediação como o processo de intervenção de elementos sócio-simbólicos, enquanto sistemas de representação da realidade, nessa relação. Segundo o autor, podemos identificar os mediadores do conhecimento por sua ação no sentido de favorecer a interação entre sujeito e objeto do conhecimento e de facilitar a apreensão pelo indivíduo dos objetos físicos inseridos, histórica e culturalmente, no contexto da rica rede de relações simbólicas que permeia o social. Entre os diferentes artefatos que instrumentalizam, operacionalizam ou tornam apreensíveis essas múltiplas representações simbólicas, facilitando a aprendizagem, a apropriação e a construção do conhecimento, arrola livros, revistas, meios de comunicação de massa, assim como as ações – deliberadamente voltadas nessa direção – de certos indivíduos, como o professor e, sem dúvida, o bibliotecário – ou o profissional da informação.

O papel emergente que cabe ao profissional encarregado de gerir sistemas de informação nesse novo contexto envolve, para a pesquisadora francesa Christiane Volant (1995), sete eixos de ação em torno dos quais esse profissional deve transitar: o metodológico, o estratégico, o cognitivo, o pedagógico, o tecnológico, o econômico e o sócio-cultural. Quando articulados, tais eixos de ação atenderiam à dinâmica de tendências que caracteriza hoje as atribuições do profissional da informação, garantindo a consecução das múltiplas funções a ele relacionadas.

1Eixo metodológico

- assegurando a coerência entre o sistema de informação global e os subsistemas locais, assim como a coerência dos métodos e das ferramentas;
- permitindo a elaboração da “engenharia documentária”;

2Eixo estratégico

- contribuindo para a definição de uma política de informação;
- participando da reflexão estratégica da organização;
- criando dinâmicas e contribuindo para a inovação;

3Eixo cognitivo

- contribuindo para a resolução de problemas, para a fertilização do saber, para a abordagem interdisciplinar e para o questionamento;

4Eixo pedagógico

- motivando os atores à utilização das informações;
- formando os usuários na aplicação dos métodos e das técnicas de pesquisa e de tratamento da informação;

5Eixo tecnológico

- dominando as ferramentas;
- adaptando os avanços tecnológicos para um uso apropriado;

6Eixo econômico

- produzindo valor agregado;
- prestando assessoria às esferas decisórias e operacionais da organização em suas necessidades informacionais;

7Eixo sócio-cultural

- contribuindo para a autonomia dos indivíduos e para a aprendizagem coletiva;
- desenvolvendo uma verdadeira cultura da informação.

Para Volant, porém, mais que uma natural evolução de funções e de papéis – resultado direto da crescente demanda por uma administração global do recurso informacional – observa-se hoje a premência por uma transformação de comportamentos (VOLANT, 1995, p. 302). Como pondera Miranda (1993, p. 231), “[...] a especialização do indivíduo [...] constitui-se em uma disciplina que continuamente esclarece e aprofunda a nossa visão particular, que orienta nossas energias criativas, que amplia nossa tolerância e paciência e permite ver a realidade de forma mais objetiva [...]”

É certo, porém, que embora possamos reconhecer a palpável mudança de paradigma que se desenrola sob nossos olhos, ainda estamos despreparados para enfrentá-la e vencê-la. A virtualidade e a instantaneidade da informação – da produção ao consumo – é hoje uma realidade concreta; o ciberespaço está disponível para todos os que dele se aproximam. Sustentado pelo surgimento de suportes e técnicas cada dia mais sofisticados e amigáveis de organização de estoques de informação, esse novo panorama tem permitido uma autonomia e uma independência cada vez maiores dos indivíduos no controle dos processos de busca, escolha e satisfação de suas necessidades de informação.

[...] Como os produtores primários e os requerentes podem entrar diretamente em contato uns com os outros, toda uma classe de profissionais corre doravante o risco de ser vista como intermediários parasitas da informação (jornalistas, editores, professores, médicos, advogados, funcionários médios) ou da transação (comerciantes, banqueiros, agentes financeiros diversos) e tem seus papéis habituais ameaçados. Esse fenômeno é chamado de ‘desintermediação’. As instituições e profissões fragilizadas pela desintermediação e o crescimento da transparência só

poderão sobreviver e prosperar [...] efetuando sua migração de competências para a organização da inteligência coletiva e do auxílio à navegação [...] (Lévy, 1993, p. 62-63).

Estaremos nós preparados e capacitados para representar nesse novo cenário? Estará nosso personagem disposto a abraçar esse novo papel? Por si só, o reconhecimento das transformações a que vem sendo submetido o trabalho biblioteconômico e a constatação das crescentes expectativas em relação a sua adaptação à nova realidade não inspiram confiança quanto à sobrevivência do profissional bibliotecário. Acompanhar o ritmo das mudanças, ultrapassá-las, propor criticamente uma nova postura profissional e vivenciá-la é nosso desafio. Um desafio que acreditamos poder vencer, embora isso requeira muito mais do que apenas adotar o rótulo de profissional da informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É urgente, sem dúvida, para nós, profissionais da informação, compreendermos com precisão o papel que nos cabe nesse cenário complexo que nos circunda. É urgente procurarmos um sentido mais abrangente e dinâmico para as atribuições do “velho” bibliotecário. É indispensável, por fim, alcançarmos uma nova mentalidade, a partir da qual possamos assegurar uma participação mais efetiva na sociedade do futuro.

Parece claro que, como conceito, a idéia de mediação permanece íntegra sob todos os ângulos através dos quais é observada e, de forma inequívoca, poderá trazer uma grande contribuição ao estudo do perfil profissional do bibliotecário do futuro, enquanto agente interfaciador no processo de transferência da informação e de construção do conhecimento, plenamente inserido na nova realidade social e cultural que surge com o limiar do século XXI.

Sobretudo é necessário que alcancemos todos um maior grau de clareza e competência na enunciação de nossos posicionamentos e convicções, o que só se tornará possível se percorrermos a cartografia desse vasto território temático e tentarmos entrelaçar toda essa extensa cadeia de reflexões numa rede de verdadeiro conhecimento. Só então poderemos construir pontos de vista mais críticos e perspicazes sobre nossa atividade profissional.

Abstract

Brief consideration over the changes that have been occurring in the role of the librarian, which lay in a different context of culture and technology, resulting from the new social, economic and political scenarios that arise for the human collectivities by the end of the twentieth century. The new perspectives and the new paradigms of the librarian's work bring the emergence of a new designation – that of information professional – and the appearance of new attributions, far more dynamic and complex than that which guided the professional practice of the traditional librarian.

Keywords

*INFORMATION PROFESSIONAL
LIBRARIAN - PROFESSION*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da informação e da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1994. 336p.

CRONIN, Blaise. Esquemas conceituais e estratégicos para a gerência da informação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 195-220, jul./dez. 1990.

_____. Profissionalização ou proletarização da atividade informacional? *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 38-65, jan./jun. 1993.

DEBRAY, Régis. *Curso de midiologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993. 420p.

_____. *Manifestos midiológicos*. Petrópolis: Vozes, 1995. 224p.

IANNI, Octávio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. 328p.

LANCASTER, F. W. Ameaça ou oportunidade?: o futuro dos serviços de biblioteca à luz das inovações tecnológicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 7-27, jan./jun. 1994.

_____. *A futura biblioteconomia: preparando para uma carreira não-convenional*. Salvador, 1995. 22p. Digitado. (Artigo baseado em *paper* preparado para o 28º Allerton Institute).

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. 208p.

MALIN, Ana B. Economia e política de informação: novas visões da história. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 5, n. 1, p. 5-19, jun. 1995.

MATUI, Jiron. *Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino*. São Paulo: Moderna, 1995. 248p.

MERCADANTE, Leila M. Z. Novas formas de mediação da informação. *Transinformação*, Campinas, v. 7, n. 1/2/3, p. 33-40, jan./dez. 1995.

MIRANDA, Antonio. Os conceitos de organização baseada na informação e no conhecimento e o desenvolvimento de serviços bibliotecários. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 3, p.227-232, set./dez. 1993.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 214p.

ROBREDO, Jaime, CUNHA, Murilo Bastos da. *Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem informatizada da biblioteconomia e dos sistemas de informação*. 2. ed. São Paulo: Global, 1994. 400p.

SHERA, Jesse H. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: GOMES, Hagar Espanha (Org.). *Ciência da informação ou informática?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980. 106p. p. 90-105.

TARAPANOFF, Kira. O profissional da informação pensando estrategicamente. In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, Londrina, 1996. 22p. Digitado.

VOLANT, Christiane. Du système information-documentation au système d'information spécifique pour l'entreprise. *Documentaliste - Sciences de l'Information*, Paris, v. 32, n. 6, p. 296-302, nov./dez. 1995.